

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Rafaella Campos Ribeiro

LEITURA, PRAZER EM CONHECER: MAS O QUE É PRAZER, MESMO?

CURITIBA
2022

RAFAELLA CAMPOS RIBEIRO

LEITURA, PRAZER EM CONHECER: MAS O QUE É MESMO PRAZER?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau no Curso de Pedagogia, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador: Prof.^o Dr. Altair Pivovar

CURITIBA
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me sustentado até aqui e me dado forças para não desanimar, em meio aos muitos desafios e obstáculos que encontrei pelo caminho.

A meus pais e irmão, por sempre acreditarem na minha capacidade e por todo o suporte nos dias difíceis. Por serem meu alicerce e minha fonte de amor, cuidado e acolhimento. Toda a minha gratidão a vocês.

Ao meu companheiro de vida, meu namorado, que me apoiou em cada momento que precisei abrir mão do nosso tempo juntos, de lazer e diversão, para dedicar-me aos estudos e por sempre acreditar e valorizar meus esforços.

Ao meu professor orientador, Altair Pivovar, por ter se dedicado a me orientar e auxiliar no desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas amigas queridas que sempre se disponibilizaram a me ajudar em todas as situações nessa caminhada acadêmica, Georgia Sartor e Suelen Ramos.

À minha companheira de trabalho e melhor amiga, Mayara Semann, por todas as suas orações, conversas e conselhos compartilhados.

Aos meus queridos patrões e amigos, Maria Inês Galvão e Franklin Galvão, que me incentivaram e me oportunizaram a seguir pela Educação, que hoje é, sem dúvidas, minha melhor escolha.

A todos os professores e à Universidade Federal do Paraná, por me proporcionar cinco anos de muito aprendizado e transformação, propiciando uma visão de mundo diferenciada, crítica e reflexiva.

A todos, meus sinceros agradecimentos e minha eterna gratidão.

O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: “Me ame!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia logo, que diabo, eu estou mandando você ler!”.
— Vá para o seu quarto e leia!
Resultado?
Nulo.

Ele dormiu em cima do livro. A janela, de repente, lhe pareceu imensamente aberta sobre uma coisa qualquer tentadora. Foi por ali que ele decolou. Para escapar ao livro. Mas é um sono vigilante: o livro continua aberto diante dele. E no pouco que abrimos a porta de seu quarto, nós o encontramos sentado junto à escrivaninha, seriamente ocupado em ler. Mesmo se nos aproximamos na ponta dos pés, da superfície de seu sono ele nos terá escutado chegar.

— Então, está gostando?

Ele não vai nos responder que não, isto seria um crime de lesa-majestade. O livro é sagrado, como é possível não gostar de ler? Não, ele vai dizer que as descrições são longas demais.

Tranquilizados, voltamos ao nosso aparelho de televisão. E é até possível que esta reflexão suscite um apaixonante debate entre nós e os outros como nós...

— Ele acha as descrições longas demais. É preciso entender, estamos no século do audiovisual, evidentemente os romancistas do século dezanove tinham que descrever tudo...

— Mas isto não é razão para pular a metade das páginas!
Não vamos nos cansar, ele voltou a dormir.

(Daniel Pennac, 1997, pp. 13-14.)

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade chamar a atenção para alguns aspectos da leitura na sociedade contemporânea a partir do atributo dado à leitura como forma de prazer. Para a realização desta pesquisa, foi utilizado o método de revisão bibliográfica. A pesquisa tem natureza qualitativa, recorrendo a alguns autores das áreas da Psicologia, da Antropologia, da Filosofia e da Sociologia para nortear as ideias apresentadas, partindo então da seguinte pergunta orientadora: A prática de leitura realmente pode estar ligada ao prazer ou isso é apenas uma suposição imposta para justificar essa prática? A breve reflexão aqui feita permitiu concluir que o gosto pela leitura não pode ser visto como algo imposto somente pela instituição escolar, assim como não deve ser sustentado a partir de elementos inconsistentes de que estaria relacionado ao prazer, o que acarreta importantes implicações nas metodologias de ensino de leitura.

Palavras-chave: Leitura; Prazer; Mistificação; Ensino de leitura.

ABSTRACT

The aim of this current study is to draw attention to some aspects of reading in contemporary society, based on reading for pleasure. In order to carry out this research, the method of literature review was used. The investigation has a qualitative nature taking into consideration some authors from the areas of Psychology, Anthropology, Philosophy and Sociology to guide both the ideas and the question presented: Can the reading practice really be pleasurable? The brief reflection that has been developed in this work made us come to the conclusion that the interest in reading cannot be seen as something imposed only by the school institution. In the same way that it cannot be sustained by inconsistent elements that in the school context would be related to pleasure, something that entails important implications in the teaching of reading.

Keywords: Reading; Pleasure; Mystification; Reading teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	10
OBJETIVOS.....	10
O QUE É LEITURA?.....	11
COMO LEMOS?.....	14
O PAPEL DO PROFESSOR PARA UMA LEITURA SIGNIFICATIVA.....	15
MISTIFICAÇÃO DA LEITURA.....	17
LEITURA E PRAZER.....	18
O QUE É PRAZER?.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Em 1981, foi publicado, em formato de livro, o resultado da tese de doutorado de Ezequiel Theodoro da Silva, cujo trabalho objetivava a caracterização do ato de ler.

O livro “O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura” tornou-se referência no tema. O autor partiu da constatação de que

o discurso sobre a leitura realizada pelo povo brasileiro ainda está em estado placentário, esperando por um maior número de contribuições (pesquisas) a fim de se desenvolver. Em verdade, a bibliografia específica é irrisória, os interessados são poucos, os dados objetivos são quase que inexistentes. Talvez seja por estes mesmos motivos que o ensino da leitura vem seguindo os ditames do acaso (e descaso) ou simplesmente recopiando os modelos de orientação, provindos do exterior. As diversas críticas apontam uma insatisfação visível em torno da crise da leitura, daqui por diante é necessário que um maior número de investigadores comece a estudar mais sistematicamente o problema. Sem teorias específicas, porém, continuaremos no processo de ensaio-e-erro (com índice maior de erros...), contribuindo para com o decreto de morte da leitura e para com a completa elitização do livro no território nacional. (SILVA, 2011, p. 12)

Quarenta anos depois, o diagnóstico continua apontando as mesmas dificuldades em leitura, como se pode depreender dos seguintes excertos:

- Já que parcela importante dos pais e mães **NÃO SÃO LEITORES** e crianças são alfabetizadas com pouco contato com a literatura, é preciso promover um trabalho de base, defende Roberta Estrela D’Alva, pioneira no país dos slams, batalhas de poesia. (setembro de 2019)

(Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>. Acesso em 22/08/2020)

- **44% da população não pratica o HÁBITO DA LEITURA**
A PRÁTICA DA LEITURA AINDA NÃO ESTÁ TOTALMENTE PRESENTE ENTRE OS BRASILEIROS.

O hábito da leitura se dá em casa, por meio dos pais ou responsáveis e, em segundo lugar, o professor. Existe mais um dado que vai reforçar a minha resposta. Cerca de 30% dos nossos professores também **SE DECLARAM NÃO LEITORES**. (outubro de 2018)

(Disponível em: <http://edicaodobrasil.com.br/2018/10/26/44-da-populacao-brasileira-nao-pratica-o-habito,-da-leitura/>. Acesso em 11/08/2020)

- O PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) é um programa que avalia estudantes entre 15 e 16 anos de 77 países. Ao analisarmos as notas, vemos que 50% dos brasileiros têm resultados nível 1 em leitura (em uma escala de 1 a 6, sendo 1 o pior índice de desempenho e 6 o melhor). Isso evidencia que a compreensão do brasileiro é literal e de frases curtas. A falta de abstração também é evidenciada nos resultados de matemática e ciências, que são as outras áreas avaliadas pelo programa.

(Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/indice-de-leitura-no-brasil/>. Acesso em 11/08/2020)

Foram constatações como essas que motivaram a definição do tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso. Consciente de que não é tarefa que possa ser realizada no âmbito desse tipo de produção acadêmica, foi estabelecido um recorte nesse tema – a ideia de prazer na leitura – tratada aqui na perspectiva de uma provocação à reflexão, e não com o aprofundamento que a densidade do tema exigiria.

Para melhor compreensão das questões que muitas vezes são levantadas no universo da educação, de que a leitura é uma forma de prazer e satisfação ou vista como uma dádiva a quem a pratica sucessivas vezes, busca-se, neste trabalho, tratar do que podemos chamar de algumas mistificações apresentadas acerca desse tema. Problematizam-se certas afirmações de que a leitura é de alguma forma ligada ao prazer e reafirma-se a leitura como agente transformador, mas se questiona a leitura como prática de per si redentora e transformadora da realidade social, buscando-se trazer significado a essa discussão e entender o que essas mistificações representam àqueles que não praticam a leitura tão frequentemente.

Primeiramente, serão tratados conceitos e definições de leitura. O tópico “O que é leitura?” faz uma breve incursão na historicidade das práticas de leitura, que desde as primeiras civilizações foram utilizadas para a integração em sociedade. Traz também uma crítica ao modelo mais recente de abordagem da leitura ou da familiarização com as letras e a escrita, com relação à maneira como a escola ainda reproduz algumas de suas práticas errôneas.

Em seguida, são abordados alguns autores que trazem em seus escritos esse discurso de que a prática de leitura é uma forma de prazer, buscando-se entender os conceitos trazidos para o debate e identificando elementos que nos ajudem a entender qual a ligação entre estes dois aspectos. Na sequência,

vêm as contribuições de Dehaene sobre como nosso cérebro funciona quando está lendo.

Passa-se, então, a tratar das mistificações da leitura, de como discursos fantasiosos e não comprovados trazem uma ideia diferente do que é realmente a leitura e como ela nos proporciona diversos tipos de conhecimento, mas não da maneira ingênua como vem sendo tratada no âmbito educacional. Conclui-se que a leitura é, sim, um caminho transformador, mas sua funcionalidade não se resume somente a discursos de senso comum, senão constituindo um direito público subjetivo que deve ser reivindicado, cobrado e revisto como qualquer outro.

Por fim, recorre-se a algumas concepções de prazer encontradas em áreas do conhecimento como Psicologia, Sociologia e Filosofia e qual a relação dessas definições com o ato de ler.

É importante destacar que esse projeto de pesquisa teve origem em um momento em que a pandemia de Covid-19 ainda impunha sérias restrições. Isso inviabilizou a ideia de empreender-se uma pesquisa junto aos professores da sua concepção de prazer associada à leitura, restringindo a abordagem, naquele momento, a uma visada mais teórica.

Contudo, o tema é complexo demais para ser tratado com a devida profundidade num Trabalho de Conclusão de Curso, de modo que optamos por trazer alguns conceitos esparsos, retirados de diferentes áreas do conhecimento, com o objetivo de demarcar a relevância desse tema nos estudos do desenvolvimento da leitura na sala de aula.

Temos consciência do quão rasa ficou a abordagem, mas acreditamos que o trabalho cumpre o objetivo principal de chamar a atenção para um aspecto do tema que ainda está por ser tomado como objeto de estudo.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os métodos descritivos para uma pesquisa qualitativa a partir de artigos, livros e textos publicados sobre a leitura como fonte de prazer.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 31).

Outro método utilizado para a realização desta pesquisa foi o dialético, por meio do qual são confrontados discursos que defendem a leitura como fonte de prazer com escritos que defendem o oposto dessa ideia de que a leitura está de alguma maneira ligada ao prazer, de que resulta a compreensão de que a leitura é de certa forma uma questão político-social, não estando direta e unicamente ligado ao prazer.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL: Problematizar a relação da leitura com a ideia de prazer.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Apresentar alguns conceitos de prazer em diferentes áreas;
- Relacionar esses conceitos com a leitura.

O QUE É LEITURA?

Para Martins (2006), a prática de leitura e escrita já na Grécia e Roma antigas era vista como forma mais “adequada” para a vida, por capacitar o desenvolvimento intelectual e físico, como forma de integração na sociedade dos homens livres. Contudo, ainda hoje é uma meta a ser alcançada por muitos países, ainda que desenvolvidos. Embora anos de civilização tenham se passado, poucas coisas mudaram. Ainda podemos encontrar educadores com suas práticas formalistas e mecânicas, permanecendo a pedagogia do aprender por aprender, sem questionamentos *para quê* ou *por quê*, prejudicando o real sentido da construção da leitura e da escrita.

Segundo a autora, nenhum método de alfabetização leva um indivíduo a tornar-se ávido leitor, uma vez que as pessoas aprendem a ler, mas acabam por limitar-se a leituras pragmáticas, mesmo tendo sido informadas dos benefícios que o ato de ler pode proporcionar. Com isso, a leitura vem sendo frequentemente mistificada, dando-se a entender que os únicos capazes de criar, compreender linguagens, ditar leis ou estabelecer normas e valores são os leitores frequentes, reproduzindo então o discurso de um padrão elitizado.

As discussões voltadas à leitura vêm se intensificando cada vez mais, principalmente no meio acadêmico e escolar. Para aprimorar as discussões sobre o assunto, é necessário formalizar e buscar sua definição. Leitura, para Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

A leitura é um processo de construção ativa do sujeito praticante. Portanto, não se resume a apenas se aprimorar para uso acadêmico, mas, sim, para uma melhor visão de mundo. Alguns autores, como Paulo Freire, reafirmam essa ideia de que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19).

Para retratar melhor a ideia de Paulo Freire, Ricardo Azevedo, em seu poema “Aula de leitura”, traz uma reflexão sobre essa noção mais ampla de leitura de mundo:

Aula de leitura

A leitura é muito mais
do que decifrar palavra.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:
vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à toa;
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém,
o gosto que o dono tem;
e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;
e também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas,
e no som do coração.
Uma arte que dá medo,
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos,
difíceis de decifrar.

(Poema extraído do livro: AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1999).

Essa visão mais ampla nos permite algumas reflexões com relação à ideia do que é leitura, tanto em nosso papel de educador quanto na posição de leitor aprendiz. Pensar na leitura de maneira mais profunda é perceber que, a partir desse processo, além de decifrar códigos, damos sentidos a eles, podendo abrir horizontes de interpretação diante daquilo que já tenhamos construído anteriormente.

Portanto, a leitura é um processo de construção da compreensão de mundo, resultando em sua capacidade simbólica de se relacionar com o meio. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 69), no tópico sobre leitura de textos escritos, trata o tema da seguinte maneira:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc.

Com base nos PCNs, não podemos deixar de falar sobre o papel da escola e do professor com relação a essa leitura de mundo. Ambos têm papel fundamental na construção da leitura significativa. Para Smith (1999), o que acontece na escola é fundamental e determinante para entender se alunos serão leitores ou não. Logicamente, a escola não é a única atuante nesse sentido. A prática de leitura depende muito mais de fatores que vão além da sala de aula, mas não podemos deixar de dizer que a instituição escolar e os educadores são partes fundamentais nesse processo. “As crianças precisam encontrar sentido na leitura; portanto, os professores devem garantir que a leitura – e sua aprendizagem – faça sentido” (SMITH, 1999, p. 127).

Por fim, podemos concluir que ler é um ato político, crítico, reflexivo e, portanto, necessário. É preciso consciência de que o ato de ler não gira em torno de mistificações, mas sim de uma necessidade vital e intelectual para um indivíduo atuante na sociedade.

COMO LEMOS?

O autor Dehaene (2012) nos apresenta algumas questões acerca da maneira como o cérebro funciona e quais mecanismos ativamos quando estamos lendo:

Como funciona a leitura? O tratamento da escrita começa no olho. Somente o centro da nossa retina, chamado fóvea, possui uma resolução suficiente para reconhecer os detalhes das letras. Devemos deslocar esse olhar sobre a página a fim de identificar, a cada pausa do olho, uma palavra ou duas. Desmembrada por milhões de fragmentos pelos neurônios da retina, a cadeia de letras deve ser reconstituída antes de ser reconhecida. Nosso sistema visual extrai progressivamente o conteúdo dos grafemas, sílabas, prefixos, sufixos e radicais das palavras. Entram enfim em cena suas grandes vias paralelas de tratamento: a via fonológica e a via lexical. A primeira permite converter a cadeia de letras em sons da língua (os fonemas). A outra permite acessar um dicionário mental onde está armazenado o significado das palavras (DEHAENE, Stanislas, 2012, p. 25).

Para nós, essa atividade de leitura parece acontecer de forma mágica. Como se pousássemos o olhar sobre determinadas palavras e de maneira aparentemente sem esforço, nosso cérebro nos dá acesso à pronúncia das palavras e aos seus sentidos. Entretanto, esse processo não é nada simples. Quando em contato com a retina, a palavra é dilacerada em milhares de fragmentos que são reconhecidos por fotorreceptores distintos. Aí então começam as dificuldades: reunir esses fragmentos e decodificar as letras, para identificação da palavra.

Todo esse processo depende exclusivamente da retina, onde a fóvea é a única zona da retina que realmente é útil para a leitura. Somente ela é capaz de captar as letras com detalhes suficientes para reconhecer as palavras (DEHAENE, 2012, p. 26).

O autor questiona então a maneira como as palavras são representadas em nível neural. Segundo ele, a leitura faz apelo aos mecanismos neurais da visão, que mudaram pouquíssimo em relação à nossa evolução. A atuação desses neurônios forma um alfabeto elementar, o qual é passível de representar qualquer objeto. Nesse processo, quando aprendemos a ler, uma parte desse funcionamento neuronal se reconverte para reconhecer a forma das letras e das palavras.

Segundo o autor, o cérebro humano parece ter uma evolução particular. Para ele, a leitura como uma invenção cultural resulta de uma reviravolta de funções cerebrais preexistentes.

PAPEL DO PROFESSOR PARA UMA LEITURA SIGNIFICATIVA

É preciso que a prioridade de ensino, quando falamos em leitura, seja a compreensão da **aprendizagem** da leitura, no entanto, a grande maioria dos estudos sobre esse tema trata prioritariamente do que deveria ser feito para que se melhore o seu **ensino**. Em parte, isso pode ser justificado pela complexidade do assunto e também por se tratar de um problema educacional mais convincente e na maioria das vezes mais categórico. Podemos dizer que não há uma receita certa para a questão da leitura, mas podemos observar que a sala de aula é um dos lugares mais importantes para que isso se efetive. E para isso, é necessário que se entenda aqui a importância da atuação do professor e da escola ao tratar a leitura como algo que precisa ser ensinado, quando, na realidade, é algo que precisa ser construído e refletido em sua atuação.

Podemos observar a existência de centenas de métodos de leitura, procedimentos e pesquisas comparando esses métodos e materiais, e destes, podemos concluir que parecem ter algum sucesso, com algumas crianças, algumas vezes (SMITH, 1999, p. 11). No entanto, o que o professor precisa é da compreensão de possibilidades e particularidades de cada criança, a partir de diferentes métodos e materiais. De acordo com o autor, se não houver compreensão do processo, o ensino será fundamentado em superstições.

Para Smith (1999), os educadores devem garantir que todas as crianças tenham acesso aos processos de aquisição de leitura e escrita. Fazer com que as crianças entendam a origem desse processo da leitura, qual sua importância para a sociedade atual, assim como trazer elementos que discutam essa construção como parte de uma evolução importante para a vida em sociedade, fazendo com que os educandos encontrem sentido na leitura e não uma imposição de algo que façam para obter algum tipo de resultado instantâneo.

Para ampliar essa noção sobre o que é a leitura e sua construção, Martins (2006) faz a seguinte ponderação:

Vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. Incorpora-se, assim, ao cotidiano de muitos o que geralmente fica limitado a uma parcela mínima da sociedade: ao âmbito dos gabinetes, ou salas de aula ou bibliotecas, a momentos de lazer ou busca de informação especializada. Enfim, essa perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, a várias culturas; incentiva tanto a fantasia, como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas (MARTINS, 2009, p. 29).

Mas, para que essa ideia de ampliação seja fundamentada, é preciso transformar a visão de mundo, pois o sistema educacional brasileiro se encontra preso a conceitos de culturas diretamente ligados à produção de escrita. O objetivo é ir além dos limites impostos institucionalmente, relacionando o ato de ler tanto da escrita quanto de variadas outras expressões da criatividade humana.

Em resumo, o que se pretende discutir aqui não são maneiras e fórmulas mágicas de se ensinar ou trabalhar a leitura, mas sim desmistificar as questões impostas sobre a leitura e o modo como deve ser constituída ou realizada, buscando conhecer o ato de ler e suas implicações.

MISTIFICAÇÃO DA LEITURA

Não há questionamentos de que todas as implicações trazidas acima, com relação ao ato de ler, são consideradas fatores relevantes para tratar da importância da leitura e da necessidade de universalização dessa ferramenta na sociedade. No entanto, algumas implicações vêm trazendo a ideia errônea de que somente o sujeito leitor ávido é sinônimo de sujeito participativo e crítico. Segundo Barzotto e Britto (1998), trata-se do “mito do sujeito leitor”, em que se ignora a forma de cultura na qual os sujeitos se estabelecem e traz juízos de valor com relação a bom ou mau leitor.

O senso comum traz essa representação de que uma leitura habitual é saudável, torna as pessoas “cultas” e é uma fonte de crescimento intelectual. Assim como pensam os autores, não é correto discordar dessa ideia. A leitura, assim como qualquer outra fonte de informação, pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo. Apesar disso, a maneira como esse pensamento pode ser interpretado como algo estritamente necessário é um problema, pois independe da forma de inserção social ou de que tipo de leitor estamos falando. Já que é preciso considerar que a leitura se dá por mecanismos de referência, construídos historicamente, essa ideia descontextualizada de leitura não somente interfere na construção da concepção de leitor como também mistifica o conhecimento.

Segundo os autores, um dos padrões mais representados nas ideias de senso comum é o de que a leitura torna as pessoas “melhores” e “desalienadas”, e a partir disso criam-se campanhas e projetos para levar leitura aos presídios, hospitais, parques, para que todos tornem-se “melhores”, mas desconsiderando que, historicamente, a prática de leitura tenha sido usada muitas vezes mais como agente de dominação do que de redenção. Objetivamente, é necessário desvincular a ideia de leitura como uma dádiva que torna um homem virtuoso, pois não há relação entre comportamento e esse serviço.

A relação estabelecida entre prazer e leitura não é nada mais que uma relação leitor-texto. Esse fator se dá por meio da ideia de um envolvimento emocional que o leitor desenvolve com a narrativa literária por meio de sua fruição estética, ou seja, pela entrada em um mundo fictício. Prevalece então,

em alguns discursos, a ideia de que não leitores ávidos ainda não encontraram nos escritos uma paixão, prazer ou fantasia. É preciso deixar claro que não há dúvidas de que é possível obter uma leitura prazerosa. No entanto, não é recomendável que se diga que esta é a única ou a mais correta forma de leitura ou então que o indivíduo leitor que se relaciona a este tipo de leitura seja considerado mais capaz que outros.

A leitura vista dessa maneira, fantasiosa ou como entretenimento, contudo, é a mais fácil, pois reflete o senso comum, que busca maior facilidade nos meios de expressão mais cotidianos. Não há um esforço cognitivo para essas leituras. Essa organização sintático-semântica está muito mais próxima da nossa realidade, de modo que sua leitura não passa de decodificação de signos.

Por fim, a questão que se apresenta é de que a leitura em si é um problema pessoal, de gosto e interesse. Podemos, de certa forma, observar que a ideia de leitura e prazer está ligada à escola. Nas estratégias de prender o aluno ludicamente, no entanto, logo esse aluno entenderá que a escola exige uma responsabilidade maior e uma maturidade maior. Por isso, se faz necessário situar as questões de leitura e escrita de forma mais tranquila, mas jamais limitando essa prática e desvalorizando seu real significado.

LEITURA E PRAZER

É muito comum, pesquisadores da área da leitura estabelecerem uma relação entre leitura e prazer. Trataremos aqui de algumas dessas concepções de leitura vinculadas ao prazer, de maneira que se possa conhecer as duas vertentes de pensamentos e, a partir delas, elaborar conceitos sobre o tema.

Monnerat, em seu artigo *O prazer de ler*, publicado em 2008, na revista Educação Pública, apresenta a importância da leitura para o desenvolvimento do indivíduo e a importância de promover o gosto pela leitura. Segundo o artigo, é através da leitura que o aluno cresce, se desenvolve e conhece o mundo. Além disso, a autora destaca o papel do professor nessa perspectiva de leitura, o qual precisa ser o propagador desse hábito antes de qualquer coisa, descobrindo esse prazer e a importância da leitura.

Os autores Luís Querido e Sandra Fernandes trazem, em seu artigo intitulado “Ler por prazer. Quem lê mais, lê melhor, ou quem lê melhor, lê mais?”, algumas ideias que de alguma forma esclarecem se a leitura se dá pelo gosto inicial, ou se a influência que se tem faz com que se desenvolva gosto pelos livros. O artigo se dá por meio de pesquisas científicas, a partir da análise de dois estudos recentes que apresentam dois aspectos conclusivos partindo de duas vertentes: a habilidade e a quantidade de livros lidos por prazer. Esses estudos trazem conclusões interessantes relatadas pelos autores. Uma depende do momento do desenvolvimento da leitura, e também do gênero textual, concluindo-se que o interesse pela leitura leva-nos a ler cada vez mais, o que, conseqüentemente, melhora o desempenho nessa função. Mas a grande questão dessa discussão trazida por eles é que “nem toda leitura por prazer é promotora de uma melhor compreensão” (QUERIDO; FERNANDES, 2021).

Segundo os autores, pode-se concluir que a leitura por prazer promove capacidades essenciais para desenvolver a compreensão da leitura, principalmente nos anos iniciais. Entre essas capacidades, estão o domínio da sintaxe, vocabulário e conhecimentos gerais. Para eles, os hábitos de leitura devem ser estimulados o mais precocemente possível, além da quantidade de livros que devem ser disponibilizados ao leitor.

LEITE (2010) apresenta as seguintes contribuições a respeito da leitura como fonte de prazer:

A leitura permite, às pessoas envolvidas, uma aquisição maior de conhecimentos, somando-se ao que já se sabe. Havendo mais leitores competentes, têm-se maiores chances de a sociedade em geral se desenvolver. Lendo, as pessoas conseguem melhor julgar o mundo em que vivem, tornam-se mais críticas (LEITE, 2010, p. 3).

Para ela, a leitura também envolve outros fatores e também outros problemas, sendo descrita por um processo de conhecer-se. Colocando a leitura em lugar de destaque, envolvendo fatores intraescolares, como, por exemplo, lugares físicos inadequados para as práticas de leitura, acervos das escolas, formação precária de professores, assim como fatores externos, como comprometimento da família, entre outros.

Além disso, a autora traz a ideia de que a leitura é a descoberta de mundo, que precede a imaginação e a experiência, colocando o hábito de ler como fundamental na vida escolar, não somente no ensino da língua portuguesa, mas também no de outras disciplinas escolares. Para isso, segundo a autora, cabe à escola ensinar o educando a ler e fazer despertar nele o gosto pela leitura, mostrando sua eficácia nas diversas áreas da educação e no seu desenvolvimento intelectual. Para lograr esse intento, a escola precisa se inteirar da realidade social, acompanhando os interesses da sociedade em geral e possibilitando a leitura como formação global do educando nas mais diversas áreas.

O QUE É PRAZER?

Segundo o Oxford English Dictionary, a definição de prazer se dá por uma sensação ou emoção agradável, ligada à satisfação de uma vontade, uma necessidade, do exercício harmonioso das atividades vitais etc. Alegria, júbilo, contentamento, satisfação.

Na Filosofia, Epicuro (341 a.C.), que, em sua ética, aponta a felicidade como algo diretamente ligado ao prazer, nos diz que existem dois tipos de prazer. Um deles é aquele com ausência de dor e de perturbação, elementos aos quais ele dá o nome, respectivamente, de *aponia* e *ataraxia*. Nessa forma de prazer, o homem não sofre de qualquer maneira e mantém-se feliz e em paz. O segundo, é aquele em que o prazer se dá pela alegria e pelo gozo, o que pode levar o homem a ter uma vida escravizada através desse mesmo prazer.

O sociólogo polonês Zigmund Bauman defende, em sua obra *Vida para consumo* (2008), que a sociedade atual vive em um modelo de relação fetichista que centraliza sua realização no prazer imediato, ao qual ele dá o nome de “líquido”, já que o sujeito tende a viver com essa arbitrariedade somente para a realização dos prazeres, fazendo do prazer sua própria condição de realização. Para ele, os princípios da realidade e do prazer vêm do comportamento fetichista e narcisista. Fetichista, porque o prazer ganha forma de objeto; narcisista, porque de alguma forma o indivíduo em sua interação social busca a autocontemplação e admiração.

No campo da literatura também não é corrente a noção de prazer. No livro que escreveu falando sobre o processo de criação de seu romance *O Nome da Rosa*, Umberto Eco (1985, p. 36) assim se expressa:

Mas os longos trechos didáticos deviam ser colocados também por outra razão. Depois de ler o manuscrito, os amigos da editora sugeriram-me que diminuísse as primeiras cem páginas, que achavam muito difíceis e cansativas. Não tive dúvida, recusei, porque, argumentei, se alguém quisesse entrar na abadia e viver nela sete dias, tinha que aceitar o seu ritmo. Se não conseguisse, também não conseguiria nunca ler o livro inteiro. Daí a função penitencial, iniciatória, das primeiras cem páginas, e se alguém não gostar, tanto pior para ele, vai permanecer nas encostas da colina.

Affonso Romano de Sant’Anna propõe mesmo a desconstrução dessa relação:

É um lugar-comum entre especialistas da área de leitura dizer que há um vínculo entre leitura & prazer.

Disponho-me a defender uma tese diferente, de que leitura é basicamente uma tecnologia. Ao dizer isso, estou deslocando, de certo modo, a leitura de espaço da subjetividade, do deleite e da satisfação do desejo. Será que ao fazer isso estaremos instalando a leitura num espaço árido, impessoal e apenas pragmático? O fato é que insistir na relação leitura & prazer é empobrecer e reduzir esse tópico. E como todo avanço do conhecimento é sempre um deslocamento do sentido, façamos essa operação de desconstruir/reconstruir tal conceito. (2011, p. 13)

Esse autor complementa dizendo que “insistir na leitura como prazer é prometer um parque de diversões onde o leitor encontrará às vezes uma usina de trabalho” (2011, p. 14).

Para fechar essa discussão, nada mais apropriado que a visão psicanalítica de prazer, que oferece elementos materiais que justificariam a afirmativa de Sant’Anna acima, da necessidade de que “façamos essa operação de desconstruir/reconstruir tal conceito [prazer]”, que identificamos nos realces do excerto a seguir reproduzido:

Na teoria psicanalítica, admitimos sem hesitar que o fluxo dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio de prazer, isto é, **acreditamos que esse fluxo seja sempre estimulado por uma tensão desprazerosa e então tome uma direção tal que seu resultado final coincida com uma diminuição dessa tensão**, ou seja, com uma evitação de desprazer ou uma geração de prazer. [...]

Nesse assunto, não nos interessa investigar até que ponto, com a instauração do princípio de prazer, nos aproximamos de ou aderimos a um determinado sistema filosófico historicamente estabelecido. Chegamos a tais hipóteses especulativas em meio ao empenho de descrever os fatos da observação cotidiana em nosso campo e de prestar contas sobre eles. Prioridade e originalidade não estão entre as metas colocadas ao trabalho psicanalítico, e as impressões que estão na base da instauração desse princípio são tão óbvias que dificilmente seria possível ignorá-las. Em compensação, mostraríamos de bom grado nosso reconhecimento a uma teoria filosófica ou psicológica que soubesse nos dizer quais são os significados das sensações de prazer e desprazer, tão imperativas para nós. Infelizmente, nada de aproveitável nos é oferecido sobre isso. Essa é a região mais obscura e inacessível da vida psíquica, e, se não conseguimos evitar tocá-la, a hipótese mais frouxa a respeito, assim penso, será a melhor. Decidimo-nos a **relacionar o prazer e o desprazer com a quantidade de excitação disponível – e não, de alguma forma, ligada – na vida psíquica, de tal maneira que o desprazer corresponda a uma elevação dessa quantidade, e o prazer, a uma diminuição.** (FREUD [1920], pp. 25-26. Grifo e negrito nossos.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haveria então, na leitura, um processo em que o leitor encontra instrumentos que se constituiria em uma fonte de prazer?

Diante de todos os aspectos que foram brevemente analisados neste trabalho, a ideia de leitura prazerosa estaria fortemente vinculada a um universo ficcional, onde o sujeito teria a possibilidade de se desligar do mundo real, reforçando a ideia de que é preciso encontrar na leitura diversas sensações, como prazer, paixão, fantasia. Isso, de fato, pode ocorrer – quanto a isso não há objeção –, mas é preciso entender que a prática de leitura não se resume a isso, que essa ferramenta é, sim, transformadora, mas também incômoda, no sentido de tirar o leitor de sua zona de conforto. Essa imagem de leitura ligada ao hedonismo traz a sensação de uma falsa realidade ou uma forma de mascarar o real sentido e função da leitura.

Uma perspectiva não ingênua de leitura a inscreve como um problema político. O leitor não é um sujeito fora da sua classe, que encontra na leitura uma redenção individual. O que podemos concluir aqui é a questão de direitos de acesso à informação e à cultura letrada, e não um resultado voltado ao comportamento. Ninguém se torna uma boa pessoa simplesmente pelo fato de ler, assim como não fazem nenhum sentido campanhas apelativas para que as pessoas leiam. Fariam, sim, campanhas que deixassem claro os direitos de acesso. Se a intenção é promover a leitura como um bem e um direito público, é necessário, primeiramente, deixar de promover discursos ingênuos sobre a leitura e investir no conhecimento sobre a prática no movimento do direito de poder ler. A questão da leitura, então, é uma questão político-social e não de gosto ou de prazer (BARZOTTO e BRITTO, 1998).

A finalidade deste Trabalho de Conclusão de Curso, como afirmamos na definição dos objetivos, foi problematizar uma concepção de leitura ainda fortemente presente no ensino – e que, portanto, exerce influência decisiva sobre as metodologias destinadas a desenvolver a competência leitora de crianças e jovens –, mas que não tem logrado alcançar os objetivos almejados.

Esperamos, com essa brevíssima exposição, que a ideia de prazer não seja tomada como um fenômeno espontâneo, que se manifesta apenas ao fim de um processo, mas como algo que precisa ter os seus elementos desencadeadores previstos na origem do processo.

O prazer é um alívio, não um tensionamento.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1999.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARZOTTO, V. H.; BRITTO, L. P. L. Promoção X Mitificação da Leitura. In: **Boletim informativo da ALB**, Campinas, n. 3, ago. 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e Elaboração de Textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

DARWICH, Rosângela Araújo *et al.* Prazer em ler e formação de leitores: uma abordagem analítico-comportamental. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 2, p. 141-154, ago. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 4 maio 2022. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72i1p.141-154>.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: Como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso. 2012.

ECO, Umberto. **Pós-escrito a O Nome da Rosa**. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época; 22)

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. [1920]. Tradução do alemão de Renato Zwick, revisão técnica e apresentação de Thales Ab'Sáber, ensaio biobibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM Editores, s.d.

<http://edicaodobrasil.com.br/2018/10/26/44-da-populacao-brasileira-nao-pratica-o-habito,-da-leitura/>. Acesso: 11/08/2020.

<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>. Acesso: 22/08/2020.

<https://leiturinha.com.br/blog/indice-de-leitura-no-brasil/>. Acesso: 11/08/2020.

LEITE. Francielle Sanches. **A leitura como fonte de prazer e aprendizado**. Curitiba, fevereiro de 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 74).

MONNERAT, Dôra. O prazer de ler. **Revista Educação Pública**. Setembro, 2008. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/8/34/o-prazer-de-ler>. Acesso em: 04 maio de 2022.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 3. ed. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

QUERIDO, Luís; FERNANDES, Sandra. Ler por prazer. Quem lê mais, lê melhor, ou quem lê melhor, lê mais? **Iniciativa Educação**. Janeiro de 2021.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Ler o mundo**. São Paulo: Global, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.